

# NAS MALHAS DE PENÉLOPE: ECOS DA POESIA LÍRICA LATINA NA POESIA MODERNA BRASILEIRA

Ana Maria Quirino  
Mestranda em Estudos Literários/Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: O objetivo deste artigo é mostrar como alguns temas da poesia lírica latina retornam na poesia moderna brasileira de Carlos Drummond de Andrade e de Ferreira Gullar.

Palavras-chave: Escritores brasileiros – Crítica e interpretação; Poesia lírica latina; Poesia moderna brasileira; Carlos Drummond de Andrade; Ferreira Gullar.

Resumen: El objetivo de éste artículo es enseñar como algunos temas de la poesía lírica latina vuelven a la poesía moderna brasileña de Carlos Drummond de Andrade y de Ferreira Gullar.

Palabras-clave: Escritores brasileños – Crítica e interpretación; Poesía lírica latina; Poesía moderna brasileña; Carlos Drummond de Andrade; Ferreira Gullar.

...e tu, tranqüilo à sombra, Títiro  
levas selva a ecoar Amarílís formosa.

Virgílio

Os poetas que se destacaram na poesia lírica latina há pouco mais de dois mil anos já recorriam às fontes gregas, pois tinham como modelos poetas helenísticos, sistematicamente estudados e retomados, geralmente, por alusão. Eles buscaram na literatura e na filosofia gregas o modelo para sua criação poética.

Segismundo Spina (1995, p. 39-40) mostra que Horácio defendia a *doctum imitatore* (imitação dos mais sábios) e aconselhava: “(...) que jovens se preparem desde cedo na escola da sabedoria – ou nos ‘escritos socráticos’ porque foi Sócrates a ensinar ao homem o conhecimento de si mesmo, ou então na leitura de poetas como Homero, de cujas obras se pode extrair uma filosofia de vida mais clara e mais rica (...)”. Escreve

ainda o mesmo autor: “O Poeta deve ser – pontifica Horácio – não um copista material do que vê, mas um imitador filósofo do que deve ser (*doctum imitatore*)” (SPINA, 1995, p. 40). Ou seja, a retomada do modelo clássico já era uma prática no próprio período clássico. Desse modo, o retorno àquele modelo acontecerá, em maior ou menor grau, em praticamente todos os estilos literários. Em alguns, como no Classicismo, isso será uma regra e assumirá, muitas vezes, “aspectos de idolatria” (SPINA, 1995, p. 98). Porém, mesmo em épocas consideradas anti-clássicas podem-se perceber traços daquele período. Spina (1995, p. 96) afirma que mesmo a “Idade Média não rompeu totalmente com a cultura clássica...” e cita estudos de Ernst Robert Curtius como “um monumental testemunho de permanência da cultura literária greco-latina durante os dez séculos que precederam o movimento humanista italiano...” (SPINA, 1995, p. 97). Do mesmo modo, pode-se perceber a alusão a elementos clássicos em poetas românticos, como Castro Alves que, em seu poema “Sub Tegmine Fagi”, escreve, na 11ª estrofe, após citar “O povo das formosas amarílis”<sup>1</sup>:

Mundo estranho e bizarro da quimera,  
A fantasia desvairada gera  
Um paganismo aqui  
Melhor eu compreendo então Vergílio...  
E vendo os faunos lhe dançar no idílio,  
Murmuro crente: – eu vi! – (ALVES, 1970, p. 40)

Não causa estranheza, portanto, encontrar na poesia moderna brasileira poetas que retomam temas da Antigüidade Clássica, embora caibam algumas considerações: o Modernismo caracteriza-se, inicialmente, por uma atitude iconoclasta em relação ao passado, na busca por uma forma própria de expressão. Linda Hutcheon (1991, p. 64) usa o termo “auto-reflexão autotélica” para referir-se ao Modernismo. No entanto, na perspectiva da liberdade criadora, há lugar para, se não a imitação, ao menos a retomada de temas desenvolvidos pelos poetas clássicos. Ou seja, no Modernismo, a retomada de tais temas assume o papel de uma das vertentes da liberdade poética e não de regra do estilo ou servilismo.

Francisco Achcar (1994, p. 13-14) comenta que, a partir da divulgação da obra de Bakhtin, o “fenômeno de um texto retomar outro, por meio de citações, alusões,

inversões, paródicas ou não, passou a ser visto como elemento essencial do discurso literário, traço tipificador da literatura no universo dos discursos”.

A retomada de um texto por outro pode ocorrer de forma intencional ou não. Como afirma Achcar (1991, p. 15), “a ‘literariedade’ de uma obra, sua pertinência a um gênero, mesmo sua novidade, são necessariamente produto de suas relações com obras anteriores, presentes nela em alusões implícitas ou explícitas, intencionais ou não”.

Com base no até agora exposto, passamos ao estudo de dois poemas modernos brasileiros que, de algum modo, retomam temas da lírica latina: o primeiro, de Carlos Drummond de Andrade e o segundo, de Ferreira Gullar.

Drummond, no poema “A paixão medida”, publicado em livro homônimo, retoma, de forma original e calculada, nomes dados aos versos da poesia lírica clássica. Tais nomes aparecem, majoritariamente, adjetivando substantivos de uso corriqueiro, o que lhes dá um novo sentido.

Vejamos o texto, no qual destacamos todas as palavras que indicam tipos de versos:

A paixão medida

**Trocaica** te amei, com ternura **dáctila**  
E gesto **espondeu**.  
Teus **iambos** aos meus com força entrelacei.  
Em dia **alcâmico**, o instinto **ropálico**  
Rompeu, **leonino**,  
A porta **pentâmetra**.  
Gemido **trilongo** entre breves murmúrios.  
E que mais, e que mais, no crepúsculo **ecóico**,  
Senão a **quebrada** lembrança  
De latina, de grega, inumerável delícia? (ANDRADE, 1983, p. 519).

O uso de várias palavras que nomeiam versos com determinadas medidas e/ou características é uma retumbante referência à lírica clássica. Ao usá-las, o poeta demonstra não só conhecimento do tema, como também talento poético para a ludicidade.

Em muitos de seus poemas, pode-se perceber a contenção sentimental, o que faz com que o título “A paixão medida” não cause estranheza. A paixão, para Drummond, parece ser sempre medida. A leitura dos versos, no entanto, conduz o leitor não iniciado no estudo da lírica clássica à quase completa incompreensão. Faz-se necessária, no mínimo, a busca no dicionário, do sentido de palavras como “trocaica”, “dácila”, “espondeu”...

O *Médio dicionário Aurélio* registra, no verbete *verso*, características daqueles tipos de versos citando, em quase todos, tratar-se de criação ou grega ou latina exigindo, no entanto, para a compreensão do poema, a busca de outras significações possíveis, além daquela meramente técnica. A descoberta dessas novas significações nos leva ao aspecto lúdico do texto. Percebe-se que o poeta associa nomes de versos próprios para os poemas de ação<sup>2</sup> (trocaico) ou versos de ritmo movimentado (iambos, também associados à sátira) aos atos de amar e de entrelaçar, respectivamente; assim também associa “dácilo” (verso de ritmo calmo e amplo) à ternura do eu lírico e “espondeu” (ritmo extremamente lento e pesado) ao gesto do amante, no poema.

A seqüência de ações, movimentos, gestos, caracterizada por palavras que indicam ritmos diferentes e alternados, resulta no rompimento da “porta pentâmetra”. Sob o risco de estarmos apenas divagando, chegamos ao tema recorrente na lírica latina da porta que dificulta o encontro amoroso, como exemplifica o canto 32, de Catulo, no qual o amante pede à doce Ipsithilla: “convida-me a passar a tarde contigo./ Se me dás essa chance/ tira o trinco da porta e/ cancela o restante”<sup>3</sup>. No poema de Drummond, a porta é rompida, o que permite ao eu lírico, após “gemido” e “murmúrios,” chegar à “quebrada” (imperfeita) “lembrança de latina, de grega, inumerável delícia”.

Interessa-nos, agora, a última palavra do poema: “delícia”. Assim Catulo se refere ao pássaro amado de Lésbia, no canto 3: “*Passer, deliciae meae puellae*” (NOVAK, 2003, p. 2) e a Ipsithilla, no Canto 32: “*Amabo, mea dulcis Ipsithilla,/ meae deliciae, mei lepores*” (NOVAK, 2003, p. 10). Como no poema de Drummond, também em Catulo, delícia se relaciona ao amor ou ao prazer.

Propércio associa a palavra delícia aos prazeres vividos no leito, nos versos: “*O me felicem! O nox mihi candida! Et o tu/ lectule deliciis facte beate meis!*” (II 15), assim

traduzidos por Zélia de Almeida Cardoso: “Feliz de mim! Ó noite luminosa! E tu, querido leito,/ como te tornaste feliz com os prazeres que eu vivi!” (NOVAK, 2003, p. 138-139).

As “delícias” do leito, referidas como lutas travadas entre os amantes, aparecem associadas à noite também nos versos seguintes do poema: “Quantas palavras nos dissemos com a lâmpada ainda acesa/ e que lutas nós travamos depois que se apagou a luz!”.

Ovídio, em Amores I, 5, estabelece o mesmo elo: prazeres do leito/lutas/noite (crepúsculo ou madrugada com sua fraca luz), como vemos no fragmento transcrito:

[...]  
...tal lume havia,  
qual do crepúsculo a luz fraca, indo-se Febo,  
ou quando a noite vai e o dia tarda.  
Às moças recatadas tal luz se há de dar,  
que a timidez nela esconder-se espera.  
Eis que Corina vem, túnica desatada,  
cabelo dividido no alvo colo,  
qual nos tálamos, diz-se, a formosa Semíramis  
entrou; como Laís, amor dos homens.  
A túnica tirei-lhe; nada mal, diáfana;  
no entanto ela lutava por vesti-la.  
Como lutasse sem vontade de vencer,  
sem custo foi vencida, se entregando.  
Quando estive de pé, sem roupa ante meus olhos,  
nenhum defeito vi no corpo todo.  
Que belos ombros, e que braços vi, toquei!  
para a carícia, que formosos seios!  
sob o primor do peito, que ventre tão liso!  
que ilharga farta! E que robusta coxa!  
Por que direi detalhes? Nada não louvável  
vi: nua a estreitei junto ao meu corpo.  
O resto quem não sabe? Lasso repousamos.  
Tomara assim eu tenha inda outros dias! (FERNANDES, 2001, p. 105-106).

Ferreira Gullar, no poema “Coito”, retoma essa associação entre o prazer (as delícias) do leito e a noite, embora não tenhamos elementos para afirmar que ele o faça com a indiscutível intencionalidade de aludir aos poemas líricos clássicos, como fez Drummond no poema “A paixão medida”.

Vejamos o texto:

Coito

Todos os movimentos  
do amor  
são noturnos  
mesmo quando praticados  
à luz do dia

vem de ti o sinal  
no cheiro ou no tato  
que faz acordar o bicho  
em seu fôssô:  
na treva, lento,  
se desenrola  
e deslisa  
em direção a teu sorriso

Hipnotiza-te  
com seu guizo  
envolve-te  
em seus anéis  
corredios  
beija-te  
a boca em flor  
e por baixo  
com seu esporão  
te fende te fode

e se fundem  
no gôzo

depois  
desenfia-se de ti

a teu lado  
na cama  
recupero minha forma usual (CADERNOS, 1998, p. 76)<sup>4</sup>.

Para o poeta, independentemente do horário em que ocorrem, os movimentos do amor são sempre noturnos.

A partir da segunda estrofe, depois da associação do ato amoroso ao período noturno, percebe-se a aproximação do poema de Gullar ao de Ovídio, no que se refere ao encantamento provocado pelo corpo feminino: em Ovídio, os ombros, os braços, os seios...; em Gullar, o cheiro, o tato, que acordam “o bicho”; e o relaxamento, ao final, na forma de lassidão, no poema de Ovídio: “O resto quem não sabe? Lassos repousamos.”; e de retorno à forma humana, no poema de Gullar: “a teu lado/ na cama/ recupero minha forma usual”.

No poema “Coito”, deparamo-nos também com versos destituídos de pudor tanto nas imagens que evocam quanto no vocabulário utilizado. Esse é também um traço de aproximação com poetas da lírica latina. Assim aparece em Catulo, a reflexão sobre como devem ser os versos: “(...) aos versos não há lei./ Estes só têm sabor e graça quando/ são delicados, sem nenhum pudor (...)”<sup>5</sup>.

Não aprofundaremos o tema do erotismo, que aproxima tanto o poema de Drummond quanto o de Ferreira Gullar, aqui estudados, à produção literária de poetas da lírica latina, por considerarmos que ele é merecedor de um estudo mais abrangente do que este a que nos propusemos realizar neste artigo.

Resta-nos a constatação de que a poesia lírica, produzida há mais de dois mil anos, perenizou-se como uma saborosa fonte na qual bebem os bons poetas de hoje como já o fizeram poetas de todas as gerações.

Concluimos, com as palavras de Ester de Oliveira (2004, p. 101): “A poesia é uma das expressões artísticas do homem que o vem acompanhando desde o princípio da humanidade. Nenhum povo prescinde dela. Há sociedade sem prosa, mas não há sem poesia, sem o canto, porque sem a palavra poética não há sociedade”.

#### Referências:

ACHCAR, Francisco. *Lírica e lugar-comum*: alguns temas de Horácio e sua presença em Português. São Paulo: Edusp, 1994.

ALVES, Castro. *Espumas flutuantes*. Salvador: GRD, 1970.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião*: 19 livros de poesia. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1983.

CADERNOS de Literatura Brasileira: Ferreira Gullar. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1998. n. 7.

CADERNOS de literatura em tradução, São Paulo, n. 4, 2001.

CAMPOS, Haroldo de. *Crisamtempo*: no espaço curvo nasce um. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FERNANDES, Marcelo Vieira. Ovídio, Amores. In: CADERNOS de Literatura em tradução, São Paulo, n. 4, 2001. p. 105-106.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*: história, teoria, ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

NOVAK, Maria da Gloria; NERI, Maria Luiza (Org.). *Poesia lírica latina*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Ultrapassando fronteiras em metapoemas*. Vitória: Ufes, 2004.

SPINA, Segismundo. *Introdução à poética clássica*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Edição bilíngüe. Tradução de Raimundo Carvalho. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

---

<sup>1</sup> Amarílis aparece na “Bucólica I”, de Virgílio, como o nome que ecoa na selva. O título do poema, “Sub tegmini fagi”, é o primeiro verso da “Bucólica I”, de Virgílio.

<sup>2</sup> A caracterização dos versos foi retirada a partir dos comentários de Spina (1995, p. 38).

<sup>3</sup> Tradução de Haroldo de Campos.

<sup>4</sup> Mantivemos a grafia “deslisa”, verso 12, tal qual aparece na publicação.

<sup>5</sup> Tradução de João Angelo Oliva Neto.